

# Monstros ou seres humanos? A aparência vestimentada de corpos políticos e a transformação de uma sensibilidade deteriorada

*Monsters or humans? The dressed appearance of political bodies and the transformation of a deteriorated sensitivity*



Baga de Bagaceira Souza Campos<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0001-9427-1511

[**resumo**] A discussão proposta para este trabalho parte de um estudo empírico com as agentes de pesquisa Tikal Babado e Pai Amor e os seus modos de vestir. Interseccionamos tanto os seus gêneros e sexualidades desobedientes quanto a questão de raça para pensarmos em suas formas *queers* e sensíveis. Sua moda se faz presente dentro de uma percepção de humanidade que lançamos nesse jogo de regras que a sociedade dita como correto ou não. No intuito de potencializar seus discursos e suas maneiras de sentir e perceber as vestes, objetivamos destacar seus aspectos de humanidade, sensibilidade e corpo *queer*, recorrendo a autores como Foucault (1987; 2001), Munanga (1988), Butler (2003) e Cidreira (2005), entre outros.

[**palavras-chave**] **Humanidade. Monstros. Sensibilidade. Vestimentas. Queer.**

[**abstract**] The discussion proposed for this work is linked to an empirical study with the research agents Tikal Babado and Pai Amor and their ways of dressing. We intersect both their disobedient genders and sexualities and the issue of race to think about their *queer* and sensitive ways. His fashion is present within a perception of humanity that we launched within this set of rules that society dictates as correct or not. In order to enhance their speeches and ways of feeling and perceiving clothes, we aim to highlight their aspects of humanity, sensitivity and queer body, launching authors such as Foucault (1987; 2001), Munanga (1988), Butler (2003), Cidreira (2005), among others.

[**keywords**] Humanity. Monsters. Sensibility. Clothes. *Queer*.

Recebido em: 26-03-2020

Aprovado em: 04-08-2020

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCOM/UFRB, 2019). Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (2017) pela mesma instituição. Foi membro do Coletivo Aquecida de Diversidade Sexual e de Gênero e do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura (cadastrado no CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4636121059914357>.

## Introdução

A chave de discussão deste trabalho abordará as nossas sujeitas empíricas, automeadas Tikal Babado e Pai Amor, na perspectiva da humanidade e da monstruosidade. Assim, apontaremos como as negações da humanidade se relacionam com as ditas produções monstruosas a partir dos seus corpos vestimentados. A antítese construída entre a concepção de humanidade e o fato de não serem consideradas como tal, pela desobediência que imperam, possibilitou-nos interpretar as plasticidades e os modos como elas são vistas nessa dualidade.

Tikal Babado, negra, viado-trans, corpo dissidente que atravessa a cidade de Cachoeira (BA<sup>2</sup>) e por ela é atravessada, apresenta, como força de sua sensibilidade, a conexão direta com as formas das suas vestes. Sua presença e sua performance vestimentar trazem todo o mistério necessário para desvendar o que já se começa a pensar como choque dos monstros, atormentando todos aqueles/as que ousam desafiar as inscrições e acepções do seu corpo. Babado é a eficiência dentro de um sistema falido e prestes a desabar. Assim como Babado, Pai Amor é também uma bixa trans, negra, que não aceita as caixinhas e nem por elas quer ser fechada. A sua potência vestimentada é o trabalho resistivo de dizer que a loucura que alegam ser sua não passa de uma não compreensão das sensibilidades e formas de ser no mundo. Sua singularidade destaca-se, principalmente, pela maneira como desaprova o essencialismo do sujeito e abre a boca para dizer que usa calcinha mesmo.

Neste artigo, serão abordados alguns conceitos teóricos para que, antes de tudo, consigamos por em prática a proposta aqui apresentada, realçar a roupa que cobre seus corpos. O título *Monstros ou seres humanos?* é colocado como questão que visa provocar a discussão sobre quais sujeitos têm ou não a garantia de serem tratados como humanos nas relações sociais. A definição de monstruosidade e de humanidade, apresentada por alguns autores, como Michel Foucault (2001) e Kabengele Munanga (1988) respectivamente, tem elevada importância no recorte estabelecido para o entendimento sobre aqueles/as que, historicamente, vivenciaram suas existências de forma deteriorada.

Outro debate que nos parece inevitável é estabelecer uma comunicação transversal sobre o que os seus corpos adornados intentam provocar e, assim, podermos empenhar, interseccionalmente, as relações entre raça, gênero e sexualidade que ali se estabelecem. Esses esforços em trabalhar as diversas maneiras que desumanizam o outro põem em pauta a inegável experiência do indivíduo que recusa a normalidade e que não deve ser desconsiderada em sua pujante compreensão do que foi sinalizado como corpo dissidente.

É por causa desse reconhecimento que resolvemos reunir tais estudos, considerando apontar que a presença política de seus corpos adornados interliga-se a marcadores de raça e gêneros não ideais e, desse modo, expressam-se de maneira indissociável e na contramão

<sup>2</sup> A cidade de Cachoeira, onde a pesquisa foi realizada, fica localizada na região do Recôncavo da Bahia e sua vizinha, São Félix, liga-se a ela por meio da Ponte Dom Pedro II. Importante cidade do Estado, Cachoeira é conhecida pelas grandes festas religiosas, como A Festa de Nossa Senhora da Boa Morte.



dos desejos hegemônicos. Aqui, serão destacadas potencialmente pelas suas falas, realizadas a partir de *entrevistas em profundidade* (DUARTE, 2005), como ferramenta metodológica, e a apresentação de imagens produzidas durante a realização da pesquisa, no ano de 2019.

Por isso, movimentamos autores e autoras no empenho de interseccionar o tratamento dos aspectos *queers*, e destes ao corpo negro, assim como abordar, a partir de alguns/as autores/as, a reflexão sobre as afetações que a sensibilidade aflora a partir dos adornos de Babado e Amor. Assim, o trabalho está dividido em três subseções: o *queer*, o vestuário e a sensibilidade. Buscamos nas contribuições da moda, em sua compreensão indissociável do corpo, a sua presença provocativa e política.

### O *queer*: por que entendê-lo?

Entender a questão *queer* é fundamental para não distanciarmos os corpos adornados do entendimento desviado que intersecta tanto Tikal Babado quanto Pai Amor constantemente. O problema envolvido na pergunta inicial – *por que entendê-lo?* –, ainda que seja importante na compreensão do que caracteriza o sujeito excluído, é identificado em seu outro ponto de interrogação quando podemos incitar questionamentos que levem, de algum modo, à resolução também do porquê tais corpos não são entendidos.

Então, o que se configura como um corpo *queer*? Autores e autoras brasileiros/as têm se debruçado sobre tal expressão, chegando até mesmo a resignificá-la a partir do contexto brasileiro (e até latino-americano) no desejo de chegar o mais próximo de uma definição (mas não definitiva e fixada) do termo. O *queer* é a bixa, o viado, a sapatão, a pessoa trans, o corpo negro e tudo mais que consigamos estabelecer como categoria que, historicamente, deteve – e detém – algum prejuízo ou exclusão social. No entanto, o termo ainda apresenta-se mais aproximado das pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades tidos como inadequados. Contudo, outras definições de *queer* ou *kuir* podem ser encontradas em autores como Richard Miskolci, Teresa de Lauretis, Tamsin Spargo, etc. Spargo diz o seguinte: “‘Queer’ pode funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, mas em qualquer caso se define contra o “normal” ou normatizador” (SPARGO, 2006, p. 8). Para a estudiosa Guacira Lopes Louro, *queer* pode ser entendido como

[...] estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais [...] esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. (LOURO, 2004, p. 38)

Como afirma a autora Gayle Rubin, em *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*, “Qualquer que seja o termo que utilizaremos, o importante é desenvolver conceitos para descrever adequadamente a organização social da sexualidade e a reprodução das convenções de sexo e de gênero” (RUBIN, 1993, p. 6).

FIGURA 1 - TIKAL EM SUA RESIDÊNCIA ESCOLHENDO OS TECIDOS QUE VAI USAR PARA SAIR



FONTE: Fotografia Silvia Leme (Cachoeira (BA), 2019).

Na imagem de Babado, observamos a máquina do corpo político e afrontoso, com os seus instrumentos de guerra, pronto para atacar. Seu tecido rosa rendado prestes a chegar à cabeça e formar um lindo turbante e uma chita para cravar sua saia-armadura e dizer “que os outros sejam o normal” (COLLING, 2015). Nesse desejo pela normalidade, constituiu-se também uma adoção à categoria de monstruosidade que define aqueles/as para quem os corpos são indesejáveis e desobedientes. A condição de humano é, assim, autorizada a reconhecer nos corpos a plena produção das hierarquias e, do mesmo modo, esbarra nos tormentos provocados pela experiência do sujeito transgressor, seja pelas vestes, seja pela forma de andar, pelos desejos, pelos gestos, pelas relações, etc.

E mais: ainda que aqui o *queer* esteja sendo pensado na categoria do indivíduo socialmente dissidente em sua expressão de gênero e sexual e de sua afirmação como negro, não deixaremos de apresentá-lo sob a perspectiva daquilo que cobre sua pele, de suas extensões, de sua potencialidade armada. Tais abordagens se fazem potentes para determinar as afetações e as provocações que permitem ser entendidas no eixo da sensibilidade adornada.

Eu digo assim [...] essa coisa [preconceito] do homossexual nunca vai mudar. Porque tem que ter aquela coisa de conscientização. O povo não quer ter a consciência que somos gente, nós somos seres humanos. Como eu falei com um rapaz ali: nós pagamos impostos, temos direito de ir e vir e por que não respeitar? Mas só que acontece com o ser humano, como eu falei com o rapaz hoje: o pessoal gosta de ofuscar o brilho do outro porque você [sociedade] nunca quer ver o outro bem. (INFORMAÇÃO VERBAL)

Digamos assim, digamos não é verdadeiro. Do lado homossexual, a sociedade tem a gente, eu, no caso, muito mais como andrógono, doença, descaração, um ser que não existe nesse mundo e não deveria existir. Mas os homens são os que mais precisam da gente, as mulheres também, na hora de um trabalho doméstico, por exemplo, sabe? Uma faxina, um ariar panela, lavar um tapete, uns trabalhos bruscos, que a gente dá brilho, a gente puli mesmo, a gente é esforçado. Mas a grande maioria de nós não era pra tá trabalhando pra ninguém, era pra ter o nosso comércio, o nosso empreendimento, a gente deveria trabalhar mais pra ter o que é nosso mesmo. (INFORMAÇÃO VERBAL)

Quando ressaltamos a importância de abordar as problemáticas envolvendo a desumanização dos seus corpos, reafirmamos mais do que um desejo, mas um compromisso com as políticas de direito de o indivíduo poder cobrir seu corpo da maneira como deseja dentro do espaço social. Quando afirmam que “dão brilho” ao que fazem ou que existem aqueles/as que gostam de “ofuscar os seus brilhos”, percebemos que os conflitos sociais

que tentam negar suas existências são refletidos por práticas expurgatórias, que as suas presenças provocam socialmente e acabam por caracterizar esse lugar de abjeção.

Na provocação de abordar a categoria *queer* também do corpo negro, achamos oportuno transversalizar tais questões, uma vez que não podem ser desconsideradas tendo em vista a notável estética da corporalidade ornamentada de Tikal Babado e de Pai Amor. A categoria que estabelecemos neste trabalho ao dito corpo negro *queer* é perspectivada pela desobediência. Esta, portanto, é compreendida como desumanizada, na qual seus corpos foram e são jogados, e que aqui invocamos a relação estabelecida, também, com os seus ornamentos para confirmar uma sequência de pretensões que ressoam sobre suas individualidades com o propósito de rejeição ou, até mesmo, aniquilamento.

Segundo Frantz Fanon, “os elementos que utilizei não me foram fornecidos pelos ‘resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo táctil, espacial, cinestésica e visual’, mas pelo outro, o branco, que os teceu para mim” (FANON, 2008, p. 104). É a partir desses esquemas e do “outro” como a sua alteridade que possibilitamos analisar quem é considerado humano ou não e, nesse jogo, observamos o quanto se molda esteticamente uma ética do ser, de se vestir, de se montar.

Nessa subjugação, as suas humanidades são tensionadas porque analisamos o racismo de modo mais abrangente, representado aqui no corpo negro e dissidente, na sua sexualidade ou no seu gênero, frente aos falsos e delirantes “atrativos” de uma cis-heteronormatividade compulsória e, muitas vezes, vislumbrada. O autor Guerreiro Ramos (1995), por exemplo, em seu texto *O problema do negro na sociologia brasileira*, aponta que “a cor da pele do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar. Dir-se-ia que na cultura brasileira o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência” (RAMOS, 1995, p. 192). Não só configuramos problematizar o ideal de beleza branco, como apontamos para outra possibilidade que paira a superfície do corpo no anseio ao estabelecimento conformativo de gênero e de expressão do desejo sexual que impera na já indicada construção das humanidades.

A anormalidade que tanto os teóricos e as teóricas *queers* têm se debruçado é posta, muitas vezes, em defesa, como em uma espécie de contra-ataque argumentativo, do que é impugnado para o corpo estranho e que, nesta pesquisa, é demonstrado pela radicalidade com que as “inversões” às condutas adequadas do vestir nos ressaltam. A contradição entre anormal e normal, humano e não-humano, superior e inferior busca não somente descaracterizar a condição de existência do sujeito, mas, similarmente, mostrar-se despreocupada com o que tais corpos produzem no regime das sensibilidades: afetos, paixão, amor, etc.

Construímos, no pano de fundo desta pesquisa, um pensamento voltado à descolonização dos corpos negros das sujeitas aqui observadas, com o objetivo de apontar que o corpo negro – e *queer* – não mede esforços para construir suas resistências históricas diante

dos processos de desumanização e outros açoitamentos projetados sobre ele. Portanto, os corpos adornados de Babado e Amor são reconfigurados para um presente no qual também contestam as ordens ofertadas pelas condutas disciplinares e emancipam seus corpos na compreensão de que as formas que autoplasmam suas peles não necessitam sofrer as interferências calçadas de uma normatividade inconsequente, mas sim que elas podem explorar a potencialidade com que brilham seus ornamentos, utilizando das estratégias que as rejeitam para, por fim, reapropriá-las em seu sentido mais resistivo.

Valorizamos uma sensibilidade que está, sim, pautando suas dissidências no intuito de motivá-las, mas, sobretudo, que tensiona a leitura que seus choques provocam no processo de invisibilização. No que tange à compreensão do “monstro”, parece improvável a motivação que elevamos ao dizer que é possível constranger às normas e potencializar suas dissidências de forma enfática, mas não tão estranho assim, pois “de fato, o monstro contradiz a lei. Ele é a infração, e a infração levada a seu ponto máximo”, já que, “ao mesmo tempo que viola a lei, ele a deixa sem voz” (FOUCAULT, 2001, p. 70). A definição expressa na citação de Michel Foucault abre-se para o diálogo de um possível corpo incorrigível, que é desobedecido, mas que também impetra desobediência:

O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. E no entanto, paradoxalmente, o incorrigível, na medida em que é incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobre intervenções em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção. De modo que vocês vêm desenhar-se em torno desse indivíduo a ser corrigido a espécie de jogo entre a incorrigibilidade e a corrigibilidade. Esboça-se um eixo da corrigível incorrigibilidade, em que vamos encontrar mais tarde, no século XIX, o indivíduo anormal, precisamente. (FOUCAULT, 2001, p. 73)

Ao confiar no termo, expresso nas palavras de Foucault, estamos convencidos de que há um imperativo sobre o corpo que destoa de ser sempre ele que merece correção, punição. O *tabu*, a própria coerção em relação ao corpo, assim como o papel estatal em definir, desde o estado moderno, as leis de punição para aqueles/as que não se adequam aos modelos impostos, é bastante visível dentro de uma lógica que visa punir determinadas expressões do corpo e inculcar regras que mais se alinham a um aprisionamento do indivíduo apontado e de suas variadas formas, estilos. Assim, “esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar de tecnologia política do corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 28).



FIGURA 2 – PAI AMOR EM SUA RESIDÊNCIA ESCOLHENDO O TORÇO QUE UTILIZARÁ PARA A SESSÃO DE FOTOS



FONTE: Fotógrafa Silvia Leme (Cachoeira (BA), 2019).

É de se pensar, também, que a necessidade construída na pauta sobre as manutenções coercitivas que o monstro merece, não consegue efetivamente cumpri-la. Ao afirmar isso, não apontamos que é impossível ao corpo que desobedece as regras universais – normativas – deixar de lado a forma com qual adorna, anda, fala, gesticula, etc.; nosso ponto trata de questionar tais padrões como possibilidades únicas de ser e existir e, sobretudo, pensar a categoria monstro, considerada inapropriada, como possibilidade de resistência diante de desejos outros, que em nada lhes cabem. O tecido azul selecionado por Pai Amor, combinando com o seu vestido, põe em questão que suas as escolhas para se adornar afirmam-na como sujeita sensível e livre para eleger suas armaduras.

Essas pré-configurações são as ferramentas utilizadas na categorização dos indivíduos, na qual se pode observar que o corpo obediente às normas consegue se autoestabelecer dentro dessa categoria humanizadora dos corpos, “já aqueles que não têm oportunidade de representar a si mesmos correm grande risco de ser tratados como menos que humanos, de serem vistos como menos humanos ou, de fato, nem serem mesmo vistos” (BUTLER, 2011, p. 24).

A mesma abordagem é encontrada quando refletimos sobre que tipo de dignidade estamos oferecendo e quais corpos merecem ter essa respeitabilidade, quando não é possível nem, ao menos, enxergá-los?

Era tempo de buscar outros caminhos. A situação do negro reclama uma ruptura e não um compromisso. Ela passará pela revolta, compreendendo que a verdadeira solução dos problemas não consiste em macaquear o branco, mas em lutar para quebrar as barreiras sociais que o impedem de ingressar na categoria dos

homens. Assiste-se agora a uma mudança de termos. Abandona a assimilação, a libertação do negro de efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. (MUNANGA, 1988, p. 49)

Podemos notar semelhanças com o que é dito na fala do sociólogo Kabengele Munanga quando refletimos que, para encararmos a humanização de determinados corpos, não é preciso, obrigatoriamente, procurar uma assimilação com o que já é padrão – o branco. Em alguns momentos, é necessário provocar a ruptura, deixar visível a diferença, inclusive no sentido de reeducação ao que lhe foi designado, seja no vestir, seja no andar, seja no falar. Vejamos o que dizem as falas de Babado e Amor:

Aconteceu comigo nessa semana, agora. Fui numa determinada denominação cristã e ao chegar lá a pessoa olhou pra mim e disse assim: “você veio parar aqui com essa maquiagem?” E pensei em falar: Eu não vim no intuito da Igreja, eu vim pra 25 [praça], mas a Igreja tava aberta, eu entrei. “mas maquiagem não é certo. É um ato religioso” e não tem nada a ver. Biblicamente falando, Jesus fala: “rasgue o coração”. Então, se for ver a espiritualidade, vai ver que o povo tá pagando mico pra espiritualidade. Não tá ouvindo a palavra na prática. Isso acontece com muita gente porque se for ver, quem eu era antigamente? Que vivia no meu canto, sossegadinho, vivia na sociedade “social”. E hoje, eu me transformar, mudar o estilo de vida, e mudei, e mudo cada dia mais do jeito que eu quero porque é meu direito. Me sinto bem e se um dia eu achar que não devo vestir assim, eu vou mudar, tudo bem, de novo. Mas não tem que sociedade interferir na minha vida particular, nem família, nem ninguém na minha vida. (Entrevista realizada com Tikal Babado. 11/04/2019)

Nesse caso, pra eu falar assim, da vestimenta, da transparência, eu vou falar da vestimenta interna, porque a vestimenta externa até um caixão veste a gente. Vou falar assim, porque só querem matar [a gente]. Já começa dentro de casa, desde que descobrem que você é homossexual, você é estranho, você é rápido, você é habilidoso, você é perfeccionista; todos nós que somos gays, somos perfeccionistas, só pensam em matar. “É muito estranho. Tá usando uma roupa muito apertada, porque tá usando assim? Porque usa muito brilho. No caso de roupa, tecido, eu aprendi, cresci, me educaram vestindo roupa masculina, mas roupa feminina sempre vesti calcinha desde criança. Uma coisa incrível, mesmo porque, antes de a gente se entender, a gente não sabe o que é calcinha, nem o que é cueca. Como hoje existe uma tal de cueca box, calcinha box e tá tudo misturado. Homem vestindo calcinha descaradamente, mesmo, “da mulher”; e mulher vestindo cueca de “homem”. Mas a gente, homossexual, vestia isso às escondidas. (Entrevista realizada com Pai Amor. 13/04/2019)

Essas correções que seus corpos e suas vestes passaram e passam abarcam uma dimensão que, como já mencionamos aqui, refere-se a essa dita categoria de humano. Tanto Babado quanto Amor entendem que existe um borrão na concepção construída sobre as roupas femininas e masculinas, inclusive na compreensão dos absurdos que são estabelecidos para

categorizar as pessoas a partir da vestimenta. Apesar de ambas estarem nesse lugar denominado “inapropriado” ou “inesperado”, seus universos chocam essa cansável ordem que nos rodeia.

A referência do texto de Jocélio Teles dos Santos, *Incorrigíveis, afeminados, desenfreados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX* (1997), alinha-se às abordagens que motivamos aqui sobre as formas de se pensar as sensibilidades das vestes comprometidas nos corpos das sujeitas desta pesquisa. Pois, segundo o autor, o sentido propagado por essas desconfigurações sociais do ato de cobrir o corpo surgem da seguinte maneira:

Como consequência, encontramos deslocamentos e transformações dos elementos vestimentares constitutivos da ordem social dominante no mundo urbano no século XIX que serão definidas como transgressivas. Esta ordem abrangeria a gestão das aparências (sexuadas), a normatização do corpo (através da roupa, ou da ornamentação corporal e da cosmética de uma forma geral) e a regulação da sua visibilidade (nos espaços público e privado). (SANTOS, 1997, p. 146)

Mostrou-se justo apontar que “a normalidade vestimentar passou a ser uma dimensão da vida cotidiana, cada vez mais regulamentada pelo Estado, através da legislação e de instituições especializadas destinadas ao controle do espaço público” (SANTOS, 1997, p. 147) e que diz respeito às qualificações e desqualificações do sujeito na incorporação ou destruição de uma condição que possa vir a torná-lo a figura de um ser harmonizado ou de uma aberração. O que determina o fato de essa decisão também ser formulada e acionada por instâncias macro que provocam os dispositivos sexualizados, racializados e generificados de regulação no apontamento e no julgamento dos monstros pela sociedade.

Em uma perspectiva histórica, o século XVIII, por exemplo, foi um momento fundamental da produção dessas anormalidades, abjeções e de corpos outros, não desejáveis, infames. Em razão de uma estrutura racial, econômica e política que estipulava e detinha uma narrativa de poder, desde lá os corpos são marcados pelas disciplinas do saber e do poder, como também afirma Foucault em seu clássico livro *Vigiar e punir* (1987) sobre os mecanismos estatais de controle sobre e com o corpo.

O porquê de não entendê-las ultrapassa as noções pelas quais são vistas, apontadas, punidas, e revela que a noção estabelecida pelo “outro” como inapropriada não deixa de ser um assombro nas políticas que operam na linguagem estrutural das disciplinas, a contar pela própria negação do indivíduo em reconhecer tais questões como possibilidades outras de ser enquanto indivíduo. Nesse sentido, a caracterização que as colocam como menos importantes corrobora com o que já dizia Fanon: “aquele que hesita em me reconhecer se opõe a mim” (FANON, 2008, p. 182).

### **As sensibilidades: o que afetam?**

Refletir sobre como as sensibilidades de Tikal Babado e Pai Amor, possibilitadas pelas emoções, afetividades e percepções, nos afetam é deixar marcado o encontro com as formas adornadas com as quais elas nos emprestam suas configurações, a partir do sentir



e do perceber. A afetividade, observada por meio da plasticidade que envolve as vestes e os corpos das nossas sujeitas na cidade de Cachoeira, convida-nos a refletir sobre a relação que suas aparições ornamentadas tendem a ter com o aspecto sensível.

FIGURA 3 - TIKAL BABADO NA SUA RESIDÊNCIA, FALANDO SOBRE OS MISTÉRIOS DA VIDA



FONTE: Fotógrafa Silvia Leme (Cachoeira (BA), 2019).



Em uma composição de imagem na qual se contempla o seu lar e os seus adereços, Babado ressalta as forças políticas do vestir invocando, em sua contemplação, os mistérios da vida. A beleza estética dessa composição vibra a sensibilidade encorajada em sua desejosa forma e em paixão. Essa faculdade do sensível, na qual esse vocábulo – sensibilidade – se insere, experimenta as mais diversas formas de sentimento e são retomadas aqui no que diz respeito, mais especificamente, às “segundas peles” (MCLUHAN, 2005), peles que, como disse McLuhan, são extensões de nós mesmos, de nossos sentimentos e do que carregamos enquanto presença. Ao longo do trabalho, observamos que as sensibilidades envolvidas passam por experimentações, que vão desde expressões do desejo, do prazer, da paixão, etc., pelas quais as vestes de Babado e Amor produzem enquanto corporalidades que acionam a percepção de si.

A propósito, vale ressaltar que a concepção desumana, que faz parte dos estudos *queers*, é impulsionada em seu sentido disruptivo. Uma suspensão que segue na linha de compreender o fato dado de os diversos corpos – nas suas desobedientes inscrições de gênero, raça e sexualidade – não serem entendidos, como força não somente de sua operação diante dos enfrentamentos sociais, mas também máquina propulsora que compartilha experiências enquanto ser dotado de sensibilidade e plasticidade.

Demonstrando que os subitens (*queer* e sensibilidade) estão totalmente interligados, percebemos o quanto essa categorização de desumanidade dos corpos *queers* é operada em um terreno no qual suas sensibilidades são afetadas. Diante dessa investigação, a autora Ieda Tucherman aponta que

a figura da monstruosidade exerceu uma função simbólica fundamental. Perturbando os sentidos, especificamente a visão, o monstro foi pensado como uma aberração, uma folia do corpo, introduzindo, como oposição lógica, a crença na necessidade da existência da “normalidade” humana, do corpo lógico. (TUCHERMAN, 1999, p. 79)

As sensibilidades acionadas pelos modos de sentir e de perceber as vestes em Tikal Babado e Pai Amor partem de um contorno discursivo em que destacamos a representação da figura do sujeito *queer*, não deixando de lado aspectos sensíveis de suas atividades, formas de viver e de partilhar, da própria memória que constroem e os compartilhamentos que se desenrolam no âmbito social. Observamos, assim, que há sentimentos envolvidos na relação estabelecida entre o corpo e a roupa, com destaque para a “dimensão propriamente estética desta sensibilidade, que não se pode mais reduzir à mera captação de sensações, pois se vê envolvida por formas, sentidos e valores” (VALVERDE, 2018, p. 33).

Outra referência conceitual deste trabalho é a tese de Megg Rayara, ao abordar a questão interseccional de raça e sexualidade em uma perspectiva na qual o corpo, nesse atravessamento das lógicas de dominação, possa atuar na construção de suas resistências, “mesmo porque o corpo não é um elemento inerte, passivo e pode, inclusive, utilizar-se da própria disciplina como tática para reagir contra ela” (OLIVEIRA, 2017, p. 50). E, nesse sentido, poder operar as sensibilidades necessárias ao enfrentamento às violências físicas e simbólicas.

Assim, vale instigar ainda mais o que envolve Babado e Amor como afeto, realçando suas vestes e existências no mundo. Não podemos deixar de negar a sensibilidade que seus corpos transpõem nas mais diversas formas de sentimentos que vivem. Nas falas seguintes, nossas agentes apontam esse sentimento tão presente e revelador dos aspectos que abrigam suas formas:

Rapaz, eu sou uma pessoa muito sensível. Às vezes, as pessoas acham que não, que eu tenho esse lado *muito brutal* e tal. Mas tem muita coisa que me fere assim, [...] me pisar. Eu sinto, eu choro, eu choro mesmo no canto. Às vezes, eu passo e o povo me chama de capenga, isso mesmo com a sensibilidade. Quer ser mulher, quer botar xibiu, vagina, essas coisas [...]. Mas é isso, nós somos sensíveis, quando somos feridos nossa sensibilidade vem à flor da pele. Porque a gente passa com uma roupa de “mulher”: “ah, quer ser mulher” [sentido pejorativo], e isso fere a nossa sensibilidade e a gente faz porque gosta. “Ah, você não tem vagina, tá afrontando a sociedade”. Porque eu trabalho na vidência e quando diz: “a cidade não comporta viado, não comporta travesti”. E ainda disseram assim pra mim: “viado, suja o bairro”, suja, a palavra. (INFORMAÇÃO VERBAL)

Eu choro, eu adoro chorar. Eu choro se alguém sofre, eu choro se alguém vai embora, eu choro se alguém morre, *se alguém mata* ou é assassinado. [...] eu choro se alguém tá vestindo bem, se alguém tá veste mal; a emoção dentro de mim é muito forte. Eu já nasci assim, melancólico, vou dizer assim. O pessoal fala sentimental, porque o sentimento dentro de mim é muito desembaraçado e pra eu me expressar é tanta dificuldade que só o lado candomblé, você senta na mesa de um Ifá, de uma consulta [...] você iria me entender muito bem. (INFORMAÇÃO VERBAL)

Outro aspecto do sensível que observamos fortemente em seus modos de vestir é a relação religiosa que possuem. Tanto Babado quanto Amor demonstram ligação com a espiritualidade e realçam esse aspecto, e como isto afeta os seus sentidos. Destacamos a forma como essa sensibilidade se manifesta, chegando a nos provocar o mais profundo sentimento, ainda que as brutalidades, que somente elas podem sentir, alcancem seus corpos. Suas escolhas e suas rupturas com os modos de vestir respondem sobre essa camada sensível que emprestam a partir de suas crenças.

Assim, concebemos a experiência estética das aparições *queers* vestimentadas em um lugar de experimentação sensível. O autor Mikel Dufrenne, por exemplo, afirma que “ninguém põe em dúvida que a experiência estética diga respeito primariamente à sensibilidade” (DUFRENNE, 1981, p. 90). Podemos, assim, citar uma experiência, ou melhor dizendo, experiências estéticas transpassadas a partir dos modos de uso da roupa que cobre o corpo dito desobediente em sua expressão sexual ou de gênero. A partir dessas indagações, o autor trata a questão da essência sensível do sujeito, a saber:

Pois há uma essência do sujeito, uma essência singular e sensível. Singular porque ela pertence a um indivíduo. O indivíduo é a obra. Mas é também o autor. Pois essa ligação da obra como o autor, essa presença do autor na obra que define o estilo, ao mesmo tempo justifica a singularidade e ilustra a universalidade da essência. (DUFRENNE, 1981, p. 91)

Dufrenne chama atenção para o fato de que, diante de uma perspectiva localizada na esfera sensível, se justifique, em sua essência, e a partir da ilustre universalidade como sujeitas, que as mesmas se projetem em uma visão de mundo que esteja preparada, de forma sensível, às diversidades que compõem as suas maneiras de vestir o corpo. Essa talvez seja uma das compreensões de essência que buscamos aqui, no sentido de operar as sensibilidades que nos e as afetam desde o momento que adornam o corpo e caminham na direção de um mundo prestes a atacá-las.

FIGURA 4 – PAI AMOR, NO SEU BELO VESTIDO AZUL, REMEMORANDO AS HISTÓRIAS DE INFÂNCIA NO MERCADO MUNICIPAL DE CACHOEIRA (BA)



FONTE: Fotógrafa Silvia Leme (Cachoeira (BA) 2019).

Ao observar a imagem de Pai Amor, no canto, pensativa, em meio à fartura de alimentos do Mercado Municipal, destacamos a presença de um vestuário em pleno choque sobre a sua segunda pele negra; sua presença não escapa das tomadas punitivas e coercitivas, já citadas em nosso texto, em uma propulsão que “visa alienar e inferiorizar os negros em

todos os planos” (MUNANGA, 1988, p. 5), sejam eles estéticos ou morais. Pai Amor, assim, aproveita o clique para relembrar suas histórias de infância, nesse lugar de brincadeiras, risadas, correrias, mas também de muitas lembranças nefastas. Ali era proibido usar vestido.

Aquilo que compõe as mais diversas esferas do sensível encontra nas formas, nas cores e nas texturas das vestes de Babado e de Amor seu mais valoroso ímpeto. É, portanto, evidente a projeção e a infinidade de sentidos que esses elementos do vestuário podem provocar a partir dos modos pelos quais são percebidos. Dessa maneira, entendemos que não devemos incitar o afugentamento, muito menos a repressão dos modos como o outro adorna o corpo; é preciso encarar o que suas sensibilidades – no caso de Pai Amor e Tikal Babado – nos revelam ao escapar dos equívocos e das más compreensões de seus jeitos de ser e estar no mundo.

As sensibilidades e os modos como elas nos afetam se reacendem neste trabalho no intuito de perceber as emoções, os afetos e os demais sentimentos manifestados por Babado e Amor em sua apreensão do mundo. Nessa certeza, Babado e Amor se expõem nas entrevistas, apontando que:

Meu amigo, deixa eu dizer a você: uma palavra que vai fechar tudo assim. Se o povo entender quando o ser humano tiver Deus, por que Deus? Eu, Babado, conheço Deus. Deus nas árvores, Deus nas águas, Deus na mata, Deus em todo o mistério, Eu, Deus nos dons. Quando o ser humano tiver dentro do coração um Deus, uma luz, uma luz que emana, que irradia, entendeu? Aí você vai se curvar e vai dizer assim: “Eu vou ver um mundo diferente, eu vou ver o outro diferente”. Porque, aqui nesse mundão, tudo é ilusão, tudo é passageiro. O mundo que perdura, a verdade, a realidade que perdura e perdurará na eternidade é o mundo espiritual para mim, para você e para todos. (Entrevista realizada com Tikal Babado. 11/04/2019)

Ei, cara, que vai ser babado agora. Babado, fechação e baixaria! [risos]. Rapaz, a guerra. A guerra nossa começa dentro de casa, depois na escola, que são as disputas, as desavenças, a concorrência, depois no trabalho. Tudo isso é guerra. Veja bem aonde vou parar até chegar a guerra. Mas o que falta mais pra esse mundo melhor: apoio do governo para nós. Existe um banheiro masculino e feminino, uma cidade feminina e masculina. Mas gay é uma coisa exclusiva. E nós somos os mais passivos que existe no mundo. (Entrevista realizada com Pai Amor. 13/04/2019)

Parafraseando Pai Amor: a guerra que começa em casa, passa para a escola e assim por diante não tem hora para acabar. O sossego, que quase nunca existiu, escorrega por um imenso tobogã de punições, vigilâncias e de todo o peso que carregam pela simples escolha de ser quem são, de vestirem o que são. Babado e Amor tornam-se, assim, a “ameaça” de um corpo adornado com o qual a sociedade não consegue conviver. Nesse meio em que resistem, na cidade de Cachoeira e suas paisagens históricas e exuberantes, suas vestes vão se formando como acessórios para guerrear e, portanto, para o combate que não cessamos de encontrar.



Se afirmamos que as suas sensibilidades operam a partir do ânimo de seus desejos e que há uma lógica de eliminação do que podem desejar, é porque se institui, unilateralmente, quais desejos serão aceitos e quais percepções podem fazer parte de uma comunicação social “ideal”. Pois, desse jeito, compreendemos que as suas sensibilidades não são mensuradas no plano físico, e muito menos de forma incorpórea, nem digital, como bem nos adverte Monclar Valverde: eles retomam a categoria compreensiva a partir das percepções de cada comunidade (VALVERDE, 2018).

A condição a partir da qual suas sensibilidades são negadas, em alguma medida, revela, realmente, a despreocupação da sociedade pela maneira como sentem seus corpos, vestes e dores. Ao afirmar que choram, riem, amam, fazem-nos refletir em como esses sentimentos vivenciados por Babado e Amor não são pensados como possibilidade de um corpo que rompe as normas. Como se seus corpos tivessem que aguentar a dureza das regras, o soco das condutas e as rasteiras do correto. Nesse sentido, uma pergunta surge: a forma “estranha” com a qual se vestem implica no fato de não receberem o merecido amor? A devida atenção para com seus corpos adornados passa longe, pois, como já mencionamos neste trabalho, além do fato de serem desumanizados pelas vestes que usam (compondo aparências que provocam), pesa também um desdém que se projeta sobre suas faculdades do sentir.

É como se, retirando as suas humanidades, arrancássemos também sua capacidade de sentir, de perceber. Talvez valha mais pensar, não só como a categoria humano, consequentemente, dotada de sensibilidade, no indivíduo padrão que veste o que a sociedade quer e não percebe que, por trás desse ato, existe um plano compulsório que determina apenas aquela forma e rejeita o diferente. O que torna esses planos compulsórios, normativos e de adequação do vestir as verdadeiras ‘chatices’ que, incansavelmente, não cessamos de ver, sentir e perceber nesse cotidiano deteriorado de sensibilidade.

### **O vestuário: como nos provoca?**

O que chamamos de peças, vestuários, formatos, adereços, números/tamanhos, texturas e outros elementos que dizem respeito às vestes são destacados neste subitem para que possamos dimensionar em quais níveis elas podem provocar. O que todos esses diferentes modos de dizer as extensões do corpo nos causam ou nos impactam vai tomando forma durante o trabalho, conforme os choques com que os corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor vão impetrando enquanto modulação de novas formas e modos de ver.

Observamos diferentes definições do ato de vestir na própria literatura, e que tal ato impactou a forma como as sociedades foram se constituindo. Isso demonstra cada vez mais uma representação da roupa como forma de se estabelecer em distintos contextos permitidos pela sua historicidade. Nesse sentido, procuraremos movimentar, nos diversos processos políticos de suas vestes, um resgate que desassossegue antes de tudo, com o processo e o fazer político que as vestes intentam provocar e afetar, envoltas por seus brilhos, tecidos, paetês, cores e tudo aquilo que realce as formas vibrantes.

O brilho com o qual se apresentam diariamente e os seus *status* de reconhecimento na cidade criam, de certo modo, imaginários construídos a partir das suas vestimentas.

Entre xurrias<sup>3</sup>, gritos e algazaras por onde passam e atravessam os caminhos traçados, permanece o enfrentamento diante dos momentos “gloriosos” e os de “tormento” (OMAR, 1997, p. 7). Como os encontros de alegria e os de violência. Destacamos a ideia da vestimenta, nessa dimensão de defesa, o que sua potencialidade midiática provoca no corpo; ela, ao mesmo tempo que transborda resistência, pode representar o que entendemos como disfarce, proporcionando construir nossos movimentos para um ou para outro, na defesa e resistência ou no disfarce.

Ao entendermos a roupa como uma mídia (CIDREIRA, 2005) – capaz de expressar sentidos, inclusive daquele que a porta – também damos conta de como ela afeta nossa dimensão sensível. Desse modo, essa forma de mídia acende a visibilidade crítica que faz brilhar as dimensões sensitivas nas vestes das então, carinhosamente, chamadas aqui de Babado e Amor. Observamos em suas experiências adornadas que:

Ahh [risos], Babado, confusão. Uma maravilha! Uma alegria! Eu me sinto, assim, uma aceitação de mim mesmo, da minha própria pessoa porque eu tô usando o que eu quero, o que eu gosto. Então, a maquiagem que eu gosto, uma roupa que eu gosto e não quero nem saber o que o outro acha e o que o outro pensa. Eu tô me sentindo bem no meu corpo [...] Porque tem muita gente, quando eu saí de casa que diz: “O que é essa roupa?, Vá mudar essa roupa?”. Eu digo: “Oh rapaz!”. Eu passei ali agora e o rapaz falou: “Babado, isso é atentado ao pudor” [referindo-se à sua vestimenta]. Oxe, eu não uso shorts, porque eu sou deficiente. Qual o mal, o que tem de errado aqui? Meu Deus, que cidade pequena! Levei na esportiva, pra não brigar, pra não botar a baixaria, porque se mexer o bicho pega, aí levei no pagode e foi passando. Mas o povo não aprendeu ainda. (Entrevista realizada com Tikal Babado. 11/04/2019)

Em questão de sensação, a roupa me provoca? Gosto de vestir roupa feminina [enfática]. Ter uma mulher num corpo masculino. Briguei com Deus antes de descer para Terra. Me perdoe as pessoas que acham que isso é blasfemar, mas eu disse: Senhor, por que eu vim com esse corpo? E pra não ficar muito contraste, Deus disse: esse corpo você vai decidir o que fazer. E se eu sou uma mulher no corpo de um homem, então eu vou ser metá-metá. Foi o que aconteceu, sou Oxumaré, sou LogunEde, sou gay [risos], ou sou uma gilete, seja lá o que você quiser. E as vestes tão aí, não posso me vestir como “homem” que tá errado ou totalmente de “mulher” que tá errado. (Entrevista realizada com Pai Amor. 13/04/2019)

Seja de forma enfática, seja na maneira de questionar, Babado e Amor não abaixam a cabeça quando o assunto é a forma como vão cobrir o próprio corpo. Mesmo quando se sentem presas em um corpo que não lhes pertence ou quando brigam pelo direito de ser quem são, ainda assim são capazes de construir estratégias que não permitam escapar o desejo que sentem pelo vestir, sem se deixar levar pelas críticas alheias.

<sup>3</sup> O significado de xurria pode ser posto como estímulo à provocação, apontar o dedo, escangalhar. É também uma forma de *gongação*, de incomodar o “outro” com algum xingamento ou expressão desagradável.

Esse estranho que, muitas vezes, aparece nos seus modos de vestir, acaba por se tornar familiar (HOLZMEISTER, 2010). Esse afugentamento dos ditos modos corretos do vestir para se encontrar com os seus *eus* radiantes demonstra como suas vestes estão na atmosfera característica do babado e da lacração, assim como no enfrentamento ao que dizem ser bizarro.

FIGURA 5 – TIKAL BABADO EMBALANDO AS NOITES DE UM SÁBADO AGITADO COM SEU ESVOAÇANTE CROPPED E A SUA SAIA DE SEDA



FONTE: Fotógrafa Silvia Leme (Cachoeira (BA) 2019).

A provocação do vestuário se entrelaça tanto no corpo *queer* quanto nas suas sensibilidades, no modo como a *composição da aparência* (CIDREIRA, 2005) estranhada se desenrola enquanto choque que desnaturaliza a concepção dita correta dos modos de vestir o corpo na conformidade da performance de gênero e sexo. Essa sequência de gradações, que observamos na intensa relação estabelecida pelas vestes, corpos e sensibilidades, é construída no invólucro extensamente emergido e compartilhado pelos desejos de uma política que brinda essas três palavras: vestimenta, corpo e sensibilidade.

A compreensão das vestes, como já mencionada, não pode ser pensada sem o aporte do corpo, com seus gestos, movimentos, trejeitos, contornos, e que dão vida ao processo de *composição da aparência*. Nesse sentido, deve-se considerar não apenas o que uma ou outra intente provocar ou afetar, mas levar em conta sua ação em conjunto. Ao longo do trabalho, essa descrição vai surgindo, já que nos é mais adequado não abordar essas diferentes questões de forma estanque.

Eu conheço uma travesti aqui e bateram nela porque ela tava de saia. Aí eu achei um absurdo. Alguém chamou ela e disse: a cidade não comporta e isso e isso. E ela mudou, hoje se veste de homem porque ele é assim. Mas comigo homem não bate, porque eu uso o que eu quero. E como eu falei anteriormente, em outras falas, que eu sou candomblecista. Então, no Axé tem as cores dos dias da semana. Então cada dia da semana eu gosto de usar uma cor do orixá, a segunda é uma cor, a terça é outra, ta tata... Eu mesmo crio as combinações, vem na mente, na hora. Essas coisas fluem, poxa. Nossa mente é um mistério. E eu tô conversando com você aqui e tem uma pessoa aqui do meu lado [Orixá] e dizendo: “É isso mesmo que você tá falando, é isso mesmo” [concordando com suas falas]. (Entrevista realizada com Tikal Babado. 11/04/2019)

Aí vem o seguinte, as vestes, como é que eu faço? Eu visto calcinha, como eu tinha falado; a calcinha corta o pênis pra traz, aperta o ovo, aperta tudo, vou botar bem assim [risos]. Bota uma sainha jeans, pego o salto e boto no pé ou uma meia-calça assim, se tiver, porque sou meio pobrezinha. Boto um implante de saco de alinhagem, de canecalon, qualquer coisa assim, até de Emília mesmo, retalinhos, e saio bonita. E os povos que me veem, me elogiam, acham bonito, não desfazem de mim, ainda perguntam quem fez aquilo em mim, quem me montou, quando na verdade fui eu mesmo que trancei no meu próprio corpo. E assim eu me sinto bem, mas dizem que você se vestir assim de madrugada é pra se prostituir. Dizem assim, mas eu me sinto bem assim de manhã, de tarde e de noite vestida desse jeito. Mas chega uma hora que a pressão é tanta que você se enjoa de ter o seu próprio corpo, porque é uma manutenção horrível pra você trabalhar no seu corpo, como se tivesse um defeito. Você veste uma camiseta e sabe que tá errada, você corta ela e corta no meio e faz uma mini-camiseta [*crooped*]. Você pega uma camisa masculina, você veste?, você tira, eu tenho mania de rasgar a gola e fazer tomara-que-caia e as mangas botar pra dentro. (Entrevista realizada com Pai Amor. 13/04/2019)



Nas falas anteriores, observarmos, por meio da oralidade de Babado e Amor, as suas experiências sensíveis com a vestimenta, seja com elas mesmas, seja com o outro. Os seus desejos nunca são incompletos; é muito mais do que vestir o corpo com uma saia, é tornar esse corpo a projeção de sua própria sensibilidade desvirtuada. Acreditamos no desejo de uma sociedade que respeite suas cores, seus brilhos, suas estampas, suas formas, de dia, de tarde e de noite. São essas estilizações da aparência que observamos justamente em Tikal Babado e em Pai Amor, possibilitadas não somente por suas peças, mas também na plasticidade de seus gestos que se desdobram na manifestação de suas sensibilidades.

Enquanto atos resistivos, as suas vestes não falam só de si. Elas dizem de toda uma sociedade inserida nas configurações que separam o vestir pela classe, pelo gênero, etc. e que se tornaram problematizações centrais em vários estudos da moda ao longo de sua evolução. A partir do exposto, o autor Richard Miskolci coloca que

a forma de vestir não pode ser reduzida à simples utilidade prática das roupas, pois, nos últimos dois séculos, a vestimenta se constituiu em uma das formas de adequação social ou de resistência às fronteiras simbólicas entre as classes e os gêneros. A busca de aceitação e de pertencimento social é patente na forma como a grande massa de migrantes e imigrantes, sobretudo na vida urbana, utilizou-se da vestimenta como meio de inserção em suas novas vidas. (MISKOLCI, 2008, p. 42)

Em seu texto, datado de 2008, ainda que com mais de uma década, o autor aborda paralelos sobre as formas de vestir no sentido de pensar a vestimenta e suas camadas, inclusive em uma dimensão na qual as resistências que determinadas formas de vestir provocam possam realçar outros aspectos, inclusive políticos. Do mesmo modo, o estudioso ainda complementa:

Construir um estilo individual por meio das roupas equivale a construir simbolicamente fronteiras sociais autodefinidoras. A pessoa bem vestida, em nossos dias, seria aquela capaz de expressar pelas roupas suas simpatias e contradições com a ordem social vigente. (MISKOLCI, 2008, p. 44)

Quando buscamos uma aproximação com o prazer de estar bem vestido, respondemos, ainda que em parte, sobre o que a roupa provoca no próprio indivíduo que a utiliza. Não estamos, necessariamente, generalizando todas as formas de sentir. As contradições com a ordem social, a que diz Miskolci, representa essa provocação que as vestem desobedientes no corpo impetram, colocando sob o respaldo prazeroso do vestir.

Apontamos, assim, que as subseções que dividem este trabalho conectam-se constantemente e que não podemos pensar nas provocações do vestuário sem fazê-las no regime do sensível, tampouco do que representa esse ou aquele corpo que veste. É um círculo vicioso no qual operam os regimes sensíveis de uma moda dita como não convencional.

FIGURA 6 – NA SIMPLICIDADE DO SER, PAI AMOR  
USA A BLUSA “MASCULINA” COMO UM AFRONTOSO TOP



FONTE: Fotógrafa Silvia Leme (Cachoeira (BA), 2019).

A imagem dispensa comentários. Em meio ao comércio popular, Amor derruba qualquer possibilidade de aproximação com o esperado, transformando as roupas “masculinas” sem perder a pose. Uns elogiarão, outros apedrejarão, mas o que não conseguirão é calar os seus desejos sensíveis. Chamará atenção de uns e afugentará aqueles/as que, ofuscados pela luminescência de suas vestes, não experimentarão a beleza que é romper as barreiras hegemônicas da normatividade.

Assim, constatamos que a vestimenta (e o seu ato) está relacionada a perspectiva sociológica; reiterada em seu uso, forma e conteúdo para fins também de controle social. Vejamos a citação do autor Jocélio Santos:

Deste modo, poderíamos dizer que a roupa, ou o seu uso como marcador social/sexual, os jogos simbólicos diferenciadores-indicadores que envolvem o vestir-se (e o travestir-se) devem ser considerados numa perspectiva não somente estética, ou de moral privada, mas de moral pública e de Direito, situando-se já na intersecção entre a sociedade civil e o Estado. (SANTOS, 1997, p. 146-147)

O autor chama atenção para questões em que o debate sobre as formas ideais da aparência e que demandam aos corpos obedecer, encontram-se em uma dimensão na qual os formatos de punição e vigilância são operados pelos construtos hegemônicos de reprodução dos discursos de adequação vestimentar. Desse modo, podemos estabelecer um vínculo com o espaço que habitamos, objetivando pensar que as afetações nas quais se inserem as vestes de Babado e Amor agenciam-se nesse trânsito de relações perceptíveis de si. Mas também não podemos desconsiderar a relação com o outro, pois também ela configurará o sentido de seu entendimento. Suas aparições estéticas anunciam as corporificações e os desejos de suas interações com o mundo que as rodeia.

### Considerações finais

Toda essa mobilização que invocamos alicerça-se no desejo de aproximar ainda mais a relação vestimenta-corpo-sensibilidade. Assim, objetivamos compreender a dinâmica das aparições das sujeitas analisadas em sua força política, encontrada nas suas falas e nas suas imagens. E, com toda a carga de desumanização que suas existências enquanto corpos *queers* e suas vestes recebem, é que podemos aqui ao menos refletir e propor em nossas práticas diárias novas propostas de aparições que não cansem de trabalhar as suas formas de existência. É a força com a qual vivem nesse mundo de julgamentos sendo contada pelo protagonismo de resistência que os seus corpos enfeitados provocam.

Esses gloriosos adornos que aqui evocamos na regência a que sua potencialidade projetada empresta ao corpo são configurados como sendo as suas armaduras; são o próprio escudo que as protegem, mas que também desafiam para o combate. São a afronta adornada em que suas mídias provocam nos “normais” e que se arriscam em um meio no qual suas resistências passam a funcionar a partir da enunciação de suas vestimentas e o que elas podem acarretar enquanto embate.

Nesse sentido, as afetações das roupas de Babado e Amor que nos interpelam são compreendidas como campo de suas mudanças, tanto nos regimes em que atuam a lógica social quanto a sentimental, e que se estabelecem por esse contínuo movimento entre corpo e roupa. Assim, a deslocação provocada a partir do cenário de cores compostas sob os estonteantes formas e brilhos é incorporada em seus corpos no intuito de evidenciar as afetividades que se movem rumo à desobediência. E como disse a ativista trans argentina Suzy Shock, “reivindico meu direito de ser monstro” (2011) e com ele poder *transitar* entre os espaços.

## Referências

- AMOR, Pai. Entrevista concedida (Dissertação de Mestrado). Cachoeira (BA), 13 abr. 2019.
- BABADO, Tikal. Entrevista concedida (Dissertação de Mestrado). Cachoeira (BA), 11 abr. 2019.
- BUTLER, Judith. Vida precária. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. Trad. Angelo Marcelo Vasco. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n. 1, 2011, p. 13-33.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**. São Paulo: Annablume, 2005.
- COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre o movimento LGBT e o ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação Social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Ligia M. Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HOLZMEISTER, Silvana. **O estranho na moda**: a imagem nos anos 1990. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Trad. Décio Pignatari. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MISKOLCI, Richard. Estéticas da existência e estilos de vida – as relações entre moda, corpo e identidade social. **Revista Iara** – Revista de Moda, Cultura e Arte, v. 1, n. 2, ago./dez. 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OMAR, Arthur. **Antropologia da face gloriosa**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1997.

RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1995.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. Trad. Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sônia Correa. Recife: S.O.S. Corpo, 1993.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Incurrigíveis, afeminados, desenfreitados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**, USP, v. 40, n. 2, p. 145-182, 1997.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Trad. Wladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Editora Vega, 1999.

VALVERDE, Monclar. **A instituição do sensível: uma hermenêutica da experiência estética**. Aracaju: Editora J. Andrade, 2018.

## Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que subsidiou esta pesquisa durante a sua realização, nos anos de 2018 e 2019.

E meu imenso agradecimento a Tikal Babado e a Pai Amor por compartilharem suas experiências dissidentes.